

Ano 12, Vol XXII, Número 1, Jan-Jun, 2019, p. 283-290.

MARCAS JUDAICAS EM “COMO VIEMOS PARAR A AMAZÔNIA” DE SULTANA LEVY ROSENBLATT

Aldilene Lopes de Moraes

Alessandra Fabrícia Conde da Silva

RESUMO: A pesquisa em questão faz parte do projeto de pesquisa *Ecos sefarditas: judeus na Amazônia*, desenvolvido no campus de Bragança. A investigação tem como escopo fazer uma análise dos aspectos de judeidade presentes nas obras da autora amazônica Sultana Levy Rosenblatt, cuja origem é judaico-sefardista. Para fazer essa sondagem, teremos como principal metodologia a pesquisa bibliográfica referente à presença de judeus sefarditas em território amazônico. Para tanto, autores como Samuel Bechimol, Reginaldo Heller, entre outros, nos fornecerão embasamento teórico histórico. Também será feita a análise de alguns escritos literários da escritora Sultana Levy Rosenblatt. Neste propósito, selecionou-se um texto da referida autora, a saber: “Como viemos parar a Amazônia”. Fez-se também um intertexto com o ensaio “Reminiscências de uma judia marroquina” de Clara Koshen. Em tais escritos, respectivamente, é possível encontrar a presença da cultura judaica de forma veemente. No primeiro, identificamos o processo de imigração de um jovem judeu, vindo da região de Marrocos, para uma comunidade desconhecida, com condições precárias, comparando-se às grandes cidades. A autora narra as aventuras desse jovem, bisavô de Sultana, o qual buscava encontrar prosperidade em terras amazônicas. Na segunda obra, destaca-se a presença das tradições judaicas, as quais são marcadamente descritas, pela autora, como uma forma de preservar a cultura de origem. Diante do exposto é possível inferir que a escritora busca rememorar traços da cultura judaica em terras amazônicas.

Palavras-chave: Judeus sefarditas. Judeidade. Sultana Levy Rosenblatt.

ABSTRACT: The research in question is part of the Sephardic Ecos research project: Jews in the Amazon, developed on the campus of Bragança. The investigation has as scope to make an analysis of the aspects of Jewishness present in the works of the Amazonian author Sultana Levy Rosenblatt, whose origin is Jewish-Sephardic. To do this survey, we will have as main methodology the bibliographic research concerning the presence of Sephardic Jews in Amazonian territory. For such, authors such as Samuel Bechimol, Reginaldo Heller, among others, will provide us with historical theoretical background. Also will be made the analysis of some literary writings of the writer Sultana Levy Rosenblatt. In this purpose, a text of the author was selected, namely: "How we came to stop the Amazon". An intertext was also made with the essay "Reminiscences of a Moroccan Jew" by Clara Koshen. In such writings, respectively, it is possible to find the presence of Jewish culture vehemently. In the first, we identified the process of immigration of a young Jewish man from the region of Morocco into an unknown community with precarious conditions compared to the large cities. The author narrates the adventures of this young man, great-grandfather of Sultana, who sought to find prosperity in Amazonian lands. The second work highlights the presence of Jewish traditions, which are markedly described by the author as a way of preserving the culture of origin. In view of the above, it is possible to infer that the writer seeks to recall traces of the Jewish culture in Amazonian lands.

Keywords: Sephardic Jews. Judaism. Sultana Levy Rosenblatt

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui desenvolvido tem como meta trazer leituras de alguns traços judaicos contidos na obra da autora Sultana Levy Rosenblatt, a qual tem ascendência judaica sefardita. A motivação para essa investigação surgiu a partir do momento que ingressei no projeto de pesquisa intitulado *Ecos sefaridtas: judeus na Amazônia*.

Nesta feita, utilizou-se da investigação bibliográfica, em que foi possível entender como se deu o processo de incursão dos judeus em território amazônico, assim como conhecer a maneira como foram estabelecendo-se em uma região tão distante de suas origens. De tal modo, tomaremos a crônica de Sultana Levy Rosenblatt “Como viemos parar a Amazônia”, relato da vivência de sua família em território amazônico, buscando depreender as marcas da judeidade nela presente, enfocando a tradição e a cultura judaicas. Em suma, busca-se fazer uma leitura da obra literária de forma que seja possível vislumbrar os aspectos judaicos presentes no decorrer da narrativa.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Sabe-se que os judeus sofreram o processo de diáspora desde a Idade Antiga, momento em que eles passaram por fortes perseguições, levando-os a fixarem-se em diversas partes do mundo.

Nessa busca por territórios seguros para se instalar muitos judeus, advindos da Península Ibérica, mais precisamente, Espanha e Portugal, emigraram para o Marrocos. Etimologicamente o termo sefardita advém de *sefarad*, que significa península ibérica em língua hebraica, por conta disso, surgem as designações de sefardim ou sefardita para os judeus provenientes dessa região (BENCHIMOL, 2009, p. 262).

A história desses povos é marcada por momentos de grandiosidade, assim como de episódios aterrorizantes. Eles viviam de forma tranquila e amena até o século III Antes da Era Comum (AEC). Nesta conjuntura, podemos constatar que:

[...] foi durante o domínio muçulmano omíada que floresceu, em Sefarad, uma comunidade judaica famosa, tanto por sua sabedoria e conhecimentos quanto por sua importância econômica e política. Em terras ibéricas surgiram vários dentre os maiores sábios e poetas de toda a história judaica (KOSHEN, 2011).

De acordo com alguns dados históricos, muitos judeus foram perseguidos em várias partes do mundo, por conta do domínio cristão, no entanto, os judeus sefarditas cresciam consideravelmente em vários setores da sociedade enquanto estavam na Península Ibérica, eles atuavam em áreas como: filosofia, teologia, na literatura, etc. Assim, eles se estabeleceram de forma a construírem suas sinagogas e praticarem seus ritos religiosos. Portanto, é notória a grande contribuição que os judeus tiveram no cenário mundial, as quais se fazem presentes até a atualidade (KOSHEN, 2011).

No final do século III da EC, o cristianismo ganha grandes proporções e passa a ser considerado religião oficial da comunidade hispano-romana. A partir de então, o cenário de pacificação toma outras formas. No início do século IV, com o fortalecimento da igreja cristã na Espanha, ocorrem algumas mudanças. Em 303, acontece o concílio de Elvira, o qual se tornou um período em que as perseguições aos judeus começam a exacerbar-se. Nesse concílio algumas medidas foram adotadas, entre elas estava a proibição de cristãos não casarem com judeus, viverem ou até mesmo comerem juntos a eles. As determinações contidas no Concílio de Elvira revelam tanto o reconhecimento por parte da igreja com relação ao tamanho da comunidade judaica, quanto pelo fato de que os judeus já eram vistos pela igreja como pessoas que pudessem ser danosas à sociedade (KOSHEN, 2011, s/p).

De acordo com o pesquisador amazonense, os judeus sefarditas escolheram se deslocar para a região de Marrocos por conta da proximidade com a Península Ibérica. Nessa região, eles ficaram por trezentos anos, “falando espanhol, português e haquitia – dialeto misto de espanhol, português, hebraico e árabe” (BENCHIMOL, 2009, p. 271).

Os judeus sefarditas não se fixaram de forma definitiva em Marrocos, porém deslocaram-se para outros territórios, o Brasil, mais especificamente a Amazônia, foi uma região escolhida por eles, iremos entender suas motivações no próximo tópico.

2. MIGRAÇÃO PARA A AMAZÔNIA

É possível verificar que o povo judeu, seja os de origem sefardita, como os demais, sempre tiveram uma trajetória de muita luta e perseguições. Após os cinco mil anos do seu êxodo bíblico, os judeus que estavam em Marrocos, resolvem emigrar no início do século XIX para terras amazônicas, tendo como intuito encontrar uma terra

abastada, isto é, o *Eretz* amazônico. Sobre a definição da palavra, em hebraico *Eretz* significa Terra – que para eles seria uma nova Canaã das drogas do sertão e depois o El Dorado da Borracha” (BECHIMOL, 2009, p.273)

Entre os diversos fatores que contribuíram para o êxodo do povo judeu de Marrocos para terras amazônicas, destacam-se as seguintes:

1) pobreza, 2) doenças e epidemias, 3) fome, 4) apedrejamento de judeus vivos e mortos, 5) destruição de sinagogas, 6) perseguições e sofrimentos, 7) conversão e martírio (Solica – la Sadiká), 8) guerras e motins foram os principais motivos e fatores que expulsaram os judeus do Marrocos (BENCHIMOL, 2009, p. 290).

A partir de então eles começam a adentrar em solo brasileiro. O pesquisador Márcio S. Fontes assevera que eles chegam ao Brasil de duas maneiras.

Uma delas é a destacada por Leonor Scliar-Cabral, chegando em Recife no bojo da disputa travada entre Portugal e Holanda pelo domínio do Brasil. A maior parte desse grupo, aliás, terminaria emigrando para Nova Iorque, então Nova Amsterdã (1655) e dominada pela Holanda, depois da vitória portuguesa. Uma outra vertente, não mencionada, foi inicialmente trazida de regiões marroquinas então dominadas por Portugal ao Brasil, originariamente por decisão da monarquia portuguesa, ansiosa por ocupar o vazio demográfico da Amazônia (FONTES, 2016 p. 7).

Dentre as diversas regiões brasileiras, eles resolveram direcionar-se para a Amazônia. Buscavam encontrar uma terra promissora e próspera, onde pudessem viver bem e de forma tranquila. Outro fator que impulsionou a vinda deles para esta região relaciona-se com o advento do boom da borracha, algo que fez com que muitos judeus migrassem para o território amazônico, tinham como intuito angariar riquezas, pois ansiavam pelo “*Eretz* amazônico”.

Levando essas informações em consideração é possível observar a grande contribuição dos judeus sefarditas para o contexto social brasileiro. A literatura, apesar de ser algo ficcional, dá-nos um subsídio para entender um pouco desse processo de migração desses povos em território brasileiro, mais especificamente amazônico.

Por volta do século XIX, a imigração dos judeus para terras localizadas na Amazônia expandiu-se. As cidades de Belém e Manaus foram as que mais receberam judeus sefarditas. A vinda dos judeus para a região norte do Brasil não se deu de forma tranquila e amena, pois o processo de adaptação é sempre espinhoso. Muitos deles vieram para terras, cuja localização está bem distante da sua terra natal, vindo em busca do *Eretz*, isto é, queriam constituir fortuna e riqueza. De acordo com a pesquisadora

Eva Alterman Blay, entre os vários motivos que levou a vinda de vários judeus ao Brasil, as que se destacam são:

1. plenitude do capitalismo agrícola; 2. expansão do capitalismo industrial; 3. grande desenvolvimento econômico; 4. urbanização; 5. criação de amplo e diversificado mercado de trabalho; 6. extinção legal da escravatura; 7. mudança no sistema político com a proclamação da República. Estas condições constituíram forte atrativo à imigração para o Brasil (BLAY, 2008, p. 1996).

Pode-se observar que os judeus buscavam ser bem sucedidos em terras amazônicas. Assim, é relevante compreender o que é ser imigrante. De acordo com Abdelmalek Sayad (1998, p. 54), ser um imigrante está diretamente relacionado com a “força de trabalho provisória, temporária e em transito”. De acordo com o estudioso, nesta conjuntura, o imigrante pode ser usando como sinônimo de trabalhador. De forma que ele poder ser extinta qualquer momento, tendo em vista que é algo provisório. Ele só será imigrante em um determinado país se estiver um trabalho a ser desempenhado, dessa forma, ele está estritamente ligado ao trabalho para permanecer como tal.

Levado em consideração o contexto histórico dos judeus sefarditas, será analisada duas obras literárias de uma autora que buscou retratar os judeus em suas produções, diante disso, é possível conhecer um pouco mais da cultura judaica com as obras de Sultana Levy Rosenblatt.

3. A JUDEIDADE NAS OBRAS LITERÁRIAS

Tendo por base as informações já elencadas até o momento, faz-se necessário falar da produção literária dos descendentes de judeus sefarditas. É válido ressaltar que para essa produção destacou-se o ensaio “Como viemos parar na Amazônia ”de Rosenblatt (2000)

Em “Como viemos parar a Amazônia ”é possível identificar o processo de imigração de um jovem judeu, vindo de Marrocos, para uma região desconhecida, de condições precárias, comparando-se às grandes cidades. A autora narra as aventuras desse jovem, seu bisavô, o qual trazia junto de si uma vontade de ser próspero. De acordo com a pesquisadora Eva Alterman Blay, entre os vários motivos que levou a vinda de vários judeus ao Brasil, as que se destacam são:

1. plenitude do capitalismo agrícola; 2. expansão do capitalismo industrial; 3. grande desenvolvimento econômico; 4. urbanização; 5. criação de amplo e diversificado mercado de trabalho; 6. extinção legal da escravidão; 7. mudança no sistema político com a proclamação da República. Estas condições constituíram forte atrativo à imigração para o Brasil (BLAY, 2008, p. 1996).

Vê-se, no texto de Sultana, que o jovem apresenta fortes traços de uma pessoa ávida por conquistar riquezas e reconhecimento em terras amazônicas. O texto permite-nos, ainda, descortinar alguns traços da história da imigração dos judeus na Amazônia.

Sultana inicia sua narrativa mostrando grande admiração pelo fato de seu bisavô ser “proprietário de canaviais situados na grande Ilha de Marajó, no norte do Brasil”. Tanta admiração advinha do fato dos judeus não serem afeitos em aventuras, outro ponto que chamou a atenção da jovem que narra as peripécias do seu bisavô era que, no geral, eles costumavam estabelecer-se em regiões com maiores estruturas. Porém, a Ilha do Marajó “era uma cidadezinha onde as facilidades, como condições sanitárias e assistência médica, ainda hoje são precárias” (ROSENBLATT, 2000, s/p).

O que justifica a preferência deles pela Amazônia e não por outras regiões do Brasil, concerne no fato deles acreditarem ser um território onde iriam encontrar riquezas, como ouro, pois estavam em busca da terra da promessa. Eles tinham, também, liberdade religiosa, algo muito caro para um judeu. De acordo com o ensaio de Sultana, os judeus na Amazônia, poderiam fazer seus cultos e seus rituais de forma mais livre. Tendo em vista, que em muitos lugares eles passaram por momentos de intensa perseguição e discriminação.

Portanto, em “Como Viemos parar na Amazônia”, traça um panorama de como muitas famílias adentraram em solo amazônico e constituíram suas vidas. Rosenblatt utiliza o exemplo de seu bisavô para apresentar as dificuldades e conquistas que muitos judeus tiveram ao chegar nessa região.

Na mesma conjuntura, na crônica “Reminiscências de uma judia marroquina” de Clara Koshen (2011), escritora, também, de descendência judaica sefardita, encontra-se a história de uma família de judeus sefarditas, os quais vieram de Marrocos para Belém do Pará. Koshen discorre sobre como essa família tinha como meta preservar usos, costumes e tradições judaicas entre seus descendentes.

Assim, destaca-se a presença das tradições judaicas, as quais são marcadamente descritas pela autora, como uma forma de preservar a cultura de origem. “A casa é

enfeitada com ramos de trigo, a mesa tem tigelas com levedura de fermento e farinha de trigo, sobre as quais se apoiam (sic)ovos e moedas numa simbologia de fartura” (KOSHEN, 2011). Nessa feita, o pesquisador Samuel Benchimol (2008, p. 175) salienta que “é muito difícil ser, viver e ficar judeu em qualquer parte do mundo e, sobretudo, na Amazônia”. Logo, é preciso criar mecanismos para que não haja o apagamento de alguns elementos culturais.

Na crônica há descrições de como eles preparavam as comidas tradicionais dos judeus, como a *dafina*, a qual se configurava como a principal refeição a ser servida no *Shabat*, que é o sábado da paz. No decorrer da produção literária é possível encontramos também descrição de alguns costumes, como a escolha dos nomes, que não são traduzidos para a língua portuguesa, pois fazendo assim, haveria maior preservação da cultura judaica.

Outro ponto interessante destacado na narrativa, fala do “saber usar ditados populares, bênçãos e maldições é outra faceta interessante dos sefaraditas, em geral, é uma arte daqueles originários do Marrocos”. Frases como “boa sorte”, “que Deus nos ajude” são típicos dos judeus. Muitos desses traços foram incorporados em nossa sociedade, de forma que fazem parte de nossa cultura. (KOSHEN, 2011).

Em suma, esses e outros traços de judeidade são presentes nas obras das duas escritoras, mostrando como a cultura judaica preservou sua religião, costumes e ritos, de maneira que muitos dessas manifestações da cultura judaica foram incorporados pelos amazônidas.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Editora. Valer, 2009.

_____. **Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia**. Manaus: Valer, 2008.

BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In SORJ, B. org. **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo**[online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 25-57. ISBN: 978-85-9966- 260-1.

FONTES, Márcio Schiefler. Romances e canções sefaraditas dos séculos XV a XX traduzidos do judeu-espanhol. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, n. 2, jan. 2006. ISSN 1980-4237. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12890>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

HELLER, Reginaldo. **Judeus do Eldorado**: reinventando uma identidade em plena Amazônia. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

KOSHEN, Clara. Reminiscências de uma judia marroquina. **Revista Morashá**. Abril/2011. Edição. 71. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/historia-judaica-na-antiguidade/reminiscencias-de-uma-judia-marroquina.html>. Acessado em: 03/11/2018.

ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. **Revista Morashá**. Set./2000. Edição 30. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>. Acessado em 05/10/2018.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio de Pierre Boudieu. Tradução de Cristina Murachio. São Paulo: Edusp, 1998.

Recebido em 20/4/2019. Aceito 20/6/2019.

Sobre os autores e contato:

Aldilene Lopes de Moraes - Tem graduação em Letras – Hab. Língua Portuguesa. É mestre em linguagens e saberes na Amazônia (PPGLSA/UFPA). Atualmente está no 4º semestre do curso de História/UFPA

Email: aldmoraes1@gmail.com.

Alessandra Fabrícia Conde da Silva - Prof. Efetiva da faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança - UFPA.

Email:alfcs77@hotmail.com.